

# DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini  
109 - R. do Ouvidor



Noé — Pelo que vocês me contam, não é um dilúvio d'água que devem receiar, mas sim um dilúvio de tolices, devido à incapacidade dos que vos governam.  
S. P. — Desgovernam, Sr. Noé!

## EXPEDIENTE

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre ....	14\$000	Semestre ....	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

## DON QUIXOTE

RIO, 7 DE MARÇO DE 1896.

## ITALIA-ABYSSINIA

As ultimas noticias da guerra entre a Italia e a Abyssinia impressionaram vivamente a população d'esta capital. Ninguem—nem um dos cidadãos que ama a terra amiga, que tanto tem concorrido para a immigração em nosso paiz,—podia deixar de lamentar o terrivel desastre soffrido pelas tropas italianas, nas quaes encontrava-se a *elite* do exercito da patria de Victor Emmanuel e de Garibaldi. O golpe foi profundo, e é realmente para sentir e deplorar a derrota de Adua, em que milhares de bons soldados italianos tiveram de pagar com a vida o custo de uma politica errada e caprichosa.

Se em um ou outro grupo de desequilibrados, *nativistas* que nem sabem a que senha obedecem, a derrota do exercito italiano foi motivo de alegria e de contentamento, é justo dizer que entre nós esse desastre foi recebido com sinceras palavras de condoimento, desde que o valoroso exercito da Italia succumbiu heroicamente, resistindo com energia e verdadeiro patriotismo, cahindo no campo de combate mas não voltando as costas ao inimigo, em numero tres vezes superior.

De um lado a má politica colonial, iniciada e levada à *outrance* por Crispi, de outro a impaciencia e o empallescimento da estrella do general Baratieri;—ainda mais: as eventualidades de uma guerra sem pontos de fixação e sem bases que a justifiquem—tudo concorreu para que o formidavel desastre fosse recebido em todo mundo como uma licção tremenda á potencia que se quer impôr á Africa do norte como a portadora do labaro da civilisação, tendo por porta-voz o retumbar dos canhões e o *cliche-cliche* dos fuzis aperfeiçoados.

Mas, evidentemente, não é d'isso que se trata agora, no momento doloroso em que a Italia sangra as suas dôres e a sua derrota pela bocca aberta de suas dez mil feridas, rasgadas nos corpos de outros tantos heróes que pereceram no campo da batalha, luctando pelo idéal da patria, cujos intuitos mal comprehendiam mas a que obedeciam cégamente...

Esses heróes que succumbiram em Adua merecem o respeito, as saudações, as hosannas de todo o individuo que pensa, que reflecte, que tem a faculdade de sentir.

De accordo que o politico Crispi tenha sido um máu homem de Estado. Que depois de haver sacrificado o seu paiz na questão da moralidade publica, fabricando parlamentos a seu modo, e a custa do thesouro publico, haja querido salvar-se na campanha da Africa, para alli destacando milhares de homens—não destinados a guardar e enaltecer as glorias da Italia Unita—mas para engrandecer e perpetuar o seu nome á custa da vida d'elles;—de accordo que seja um homem máu, pernicioso e merecedor da maldição geral.

Mas ha entre Crispi e a Italia um abysmo... Elle pensava unicamente em si; revia-se intensamente em sua gloria; era um megalomaniaco... E não ha hesitar, no momento que é, em dizer a verdade: que elle era o *mauvais sujet* do rei Humberto, e que a sua politica traduzia a ambição e o interesse pessoal, inflexivel ás vozes dos patriotas, imperterrito como um rochedo aos ataques das ondas da opinião.

Foi preciso que succumbissem dez mil homens em um só dia para que essa ostra do poder tivesse de afundar-se no nada, apupada por uma população que a maldizia.

Quem succumbiu no desastre de 1 de Março foi Crispi, foi a sua politica condemnada que recebeu a sua sentença,—demorada, mas justa. A Italia, essa salva da derrota o seu passado, a sua historia, o seu temperamento e o seu character.

Tambem Napoleão succumbiu em Waterloo; ou não succumbiu, para passeiar diante do mundo absorto e estupidificado a sua figura grandiosa, ainda que envolvida em sombras, resurgida para viver em Santa Helena o tempo preciso para purgar os seus

erros, sem desmerecer nem deslustrar as paginas que na historia escrevera com o seu terrivel gladio.

Mas Napoleão era um homem e a Italia é uma potencia. Essa derrota, que todos deploramos e que peitence á columna dos azares da guerra, não a deprime nem a diminue em sua grandeza. Mais cuidado, mais prudencia; menos *empressement*, e mais limitados desejos de conquistas—e todos os desastres de Ambalagi, de Adua, e outros, não diminuem o valor aos portadores da palavra da raça latina—d'esses que têm o supremo orgulho de representar a mais elevada manifestação da arte em todos os seus ramos, e de constituir um temperamento ferreo, guerreiro, capaz de, no momento dado e preciso, transformar a flauta canora do pastor e a redondilha graciosa do poeta em poderoso ariete de combate e em formidavel arma de guerra.

Referindo-nos á derrota de Adua, lamentamos sinceramente o desastre soffrido pela potencia amiga.

## NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (rua do Ouvidor 109, assignaturas 30\$000 para os Estados e 25\$000 para a Capital, mas um jornal *tout à fait pschutt*) continúa a gozar de inquebrantavel saude.

E' que as chuvas invariaveis de todas as tardes, os desmoronamentos, as inundações, e mais cousas abominaveis e insalubres, ainda não fizeram móssa cá por casa.

\*  
\* \*

O *Jornal do Commercio*, sempre sentencioso e cheio de a criterio, recommenda ao governo que faça economias, para oppôr-se com vantagem á baixa e demáis oscillações do cambio.

Já se deu começo a essa observação criteriosa e amiga do vovô *Jornal*: Notámos que os sellos e estampilhas feitos na Casa da Moeda, do Sr. NN. de Souza, já não trazem gomma no reverso—e o que é indubitavelmente uma economia assás sensivel... de gomma.

\*  
\* \*

O *Rio de Janeiro* é de opinião que se entregue este paiz aos Srs. de Ouro Preto, Lafayette, João Alfredo e Gaspar Martins, para que elle vá de ventô em pôpa... e á garra.

Faltou ao *Rio de Janeiro* a lingua:—e ao Sr. príncipe do Grão Pará, tambem, que sendo maneta não é pernetta.

\*  
\* \*

O *Paiz*, em dias da semana finda, em artigo editorial e entrelinhado, traçou com a maior perfeição e pequenos detalhes o typo do nosso bravo coronel Moreira Cezar, cognominando-o

o general Weyler, o guerreiro hespanhol que vai arrebeitar a revolução de Cuba.

Não sabemos porque motivo o *Paiz* assim promove sem audiência do Sr. Bernardo Vasques, aquelle coronel a general: será porque o Sr. Campos Salles teima em desejar-o para chefe de policia do seu estado ou commandante do respectivo districto?

\*  
\*\*

O novo jornal monarchista que vai sahir a lume no dia 25 do corrente, anniversario do falecimento da antiga constituição do extincto imperio, terá por nome *A Liberdade*, segundo dizem os periodicos bem informados.

*Liberdade...* ou *Morte*, se faltarem assignantes, e recursos, e uma boa monção, dizemos nós.

\*  
\*\*

Excellentes noticias da *Gazeta* das ditas:

«O valor do couraçado *Varese*, segundo os peritos que o examinaram, foi de sete a dez mil libras esterlinas.»

Dez mil libras, a 25 francos, 250 mil francos... O *D. Quixote* que está ancioso por offerer um navio ao governo para augmentar a sua depauperada esquadra, desde já offerece mais 50.000 francos e fica com o *Varese* por uns tresentos e tantos contos de réis, pouco mais... salvo os 1316 que bloqueiam o tal 8 do cambio actual.

Já é um principio de vida.

\*  
\*\*

Telegramma de New York para o *Jornal do Brasil* annuncia que na cidade de Princetown, estado de Nova-Jersey, os estudantes realisaram estrondosa manifestação contra a Hespanha, e no meio da maior exaltação queimaram em effigie o rei D. Affonso III.

Pobre criança! Tão pequeno e já tão maltratado! A pilheria é evidentemente de mau gosto, e ainda que a queimadura fosse só em retrato o rei Affonsinho ha de ficar *queimado*.

Nem é para menos.

\*  
\*\*

Por falta de tempo, espaço e paciencia— e tambem de noticias— fica n'isto o trabalho dos bons amigos,

Os reporters,  
ESCENA & MONTRY.

## ROUBO NA ALFANDEGA

Dizem os jornaes sérios e fidedignos que os gatunos arrombaram um dos Armazens da Alfandega do Rio de Janeiro e d'alli *bateram* varias cousas, e outras, menos as desastradas tarifas. E accrescentam que foi aberto inquerito e providencias foram tomadas.

Ora succede que o Sr. Rodrigues Alves, ministro da fazenda (?) e financeiro symbolico, fantastico, incomprehendido e adepto do nephelibastismo, tendo sciencia do caso, entendeu de despachar os papeis relativos ao roubo, dizendo com grande sobriedade de palavras e profunda agudeza de conceito: *Têm cem annos de perdão*.

Os contribuintes ficaram muito contentes: os gatunos grandemente vexados.

GIL.

## OS CARAS DURAS E FILANTES

A facilidade com que temos attendido ás reclamações de alguns nossos assignantes, tem dado em resultado augmentar o numero d'estas, e chover diariamente cartas no nosso escriptorio, com pedidos de numeros, que os seus destinatarios dizem não ter recebido.

Entretanto, a expedição das folhas é feita com toda a regularidade pelos nossos empregados encarregados d'esse serviço. A culpa, portanto, não é nossa.

Por varias vezes reclamámos do administrador do Correio da Capital Federal contra as faltas, na remessa da nossa folha aos assignantes do interior. As nossas reclamações foram sempre benevolmente attendidas e o serviço do correio d'aqui é feito, hoje, com o maior cuidado.

Se a irregularidade da entrega provem dos agentes do correio das localidades onde habitam os nossos assignantes, é a esses que devem ser dirigidas as reclamações e não a nós que... moramos longe.

E se estas não forem attendidas pelos ditos agentes... queixem-se ao bispo do logar, mas não ao nosso que não tem nada com isso.

Os senhores assignantes devem comprehender que é do nosso interesse bem servil-os, pois que não temos outra fonte de renda senão o importe de suas assignaturas.

Até hoje sempre attendemos ás reclamações, enviando gratuitamente os numeros que declaram não ter recebido.

O resultado é estas augmentarem de dia para dia, o que nos faz crer que o mal não vem de todo do correio, nem dos seus agentes.

Esse mal, já o advinhámos, vem do seguinte: O habito, ou antes, o vicio de querer-se gozar tudo de meia cara e á custa dos outros.

Infelizmente, noventa por cento dos que leem o *D. Quixote*, têm esse mau habito que dá em resultado ficarem os nossos amaveis assignantes bastante aborrecidos e nós igualmente, por causa d'essa grande quantidade de caras duras, filantes de tudo em geral e do *D. Quixote* em particular.

Por exemplo: O Sr. X, homem de bom gosto (são sempre de bom gosto os que vem ou mandam tomar uma assignatura da nossa folha) recebe o *D. Quixote*.

Mal o entregador ou o carteiro acaba de entregal-o na sua loja, e já innumerous braços se estendem para o agarrar. O as-

signante (fatal delicadeza!) guarda-se para o fim, deixando que os amigos o olhem e leiam á vontade. E quando chega o momento em que elle julga poder gozar da despeza que fizera de 25 ou 30\$ reis para annualmente saborear (desculpem a modestia) as nossas garatuhas á penna e a lapis, um dos admiradores, cara dura, diz-lhe:—Tem paciencia, eu quero mostrar a folha a minha mulher, que adora o Sanchinho Pança, e trago-a já. E o Sr. X, nosso assignante, (fatal condescendencia!) deixa levar o jornal.

D'ahi a momentos sobe para almoçar.

Apenas sentado á mesa:

—Já entregaram o *D. Quixote*? perguntam-lhe sua mulher, seus filhos e até sua sogra.

—Já, responde, meio embaraçado, o nosso assignante, que declara ter o amigo Z levado o *D. Quixote* para mostral-o a sua mulher.

—Ora muito obrigado! O Sr. recebe a folha, lê a á sua vontade e a empresta a seus amigos que, ainda por cima, a levam para casa e cá ficamos nós, sua mulher, seus filhos, sua sogra, todos da casa enfim, á espera que a Senhora do Sr. fulano, seu amigo, a leia a seu gosto... E' muito bonito isto!

—Eu podia lá recusar?

—E o que traz a folha?

—Eu sei lá! Nem pude deitar-lhe os olhos em cima...

—Pois nem sequer o Sr. a viu?! Ora Senhor meu genro!...

—Está bom mamãe, não se afflija. Olhe, meu marido, mande um seu caixeiro buscal-a. Essa Senhora já a deve ter lido.

—Pois sim, mando já.

D'ahi a minutos um empregado sai á procura da folha.

Grande alegria nas crianças e resignação forçada na sogra.

Começa o almoço. Ha uma certa frieza; todos estão calados e em expectativa. Apenas Totó observa timidamente que o caixeiro está demorando.

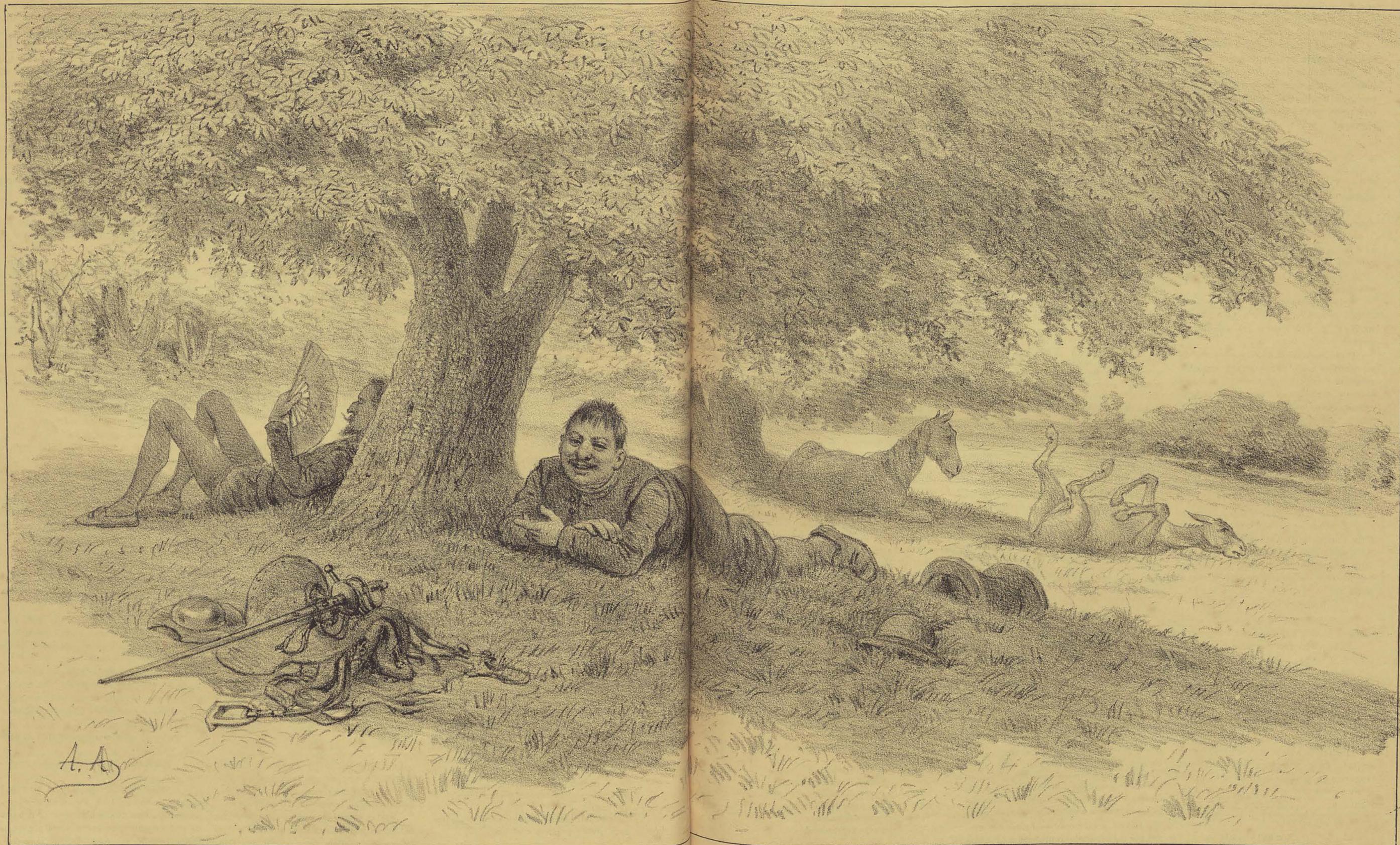
De repente ouve-se alguém subir a escada. E' elle, é o *D. Quixote*, diz Sinhá.

As physionomias mudam; ha um que de radiante em todos os olhos, que fitam a porta da sala de jantar.

Entra afinal o empregado, mas... sem nada nas mãos.

—E a folha?! perguntam todos anciosos.

—Dona Fulana manda dizer que mal tinha acabado de a ler, teve de emprestal-a a uma sua amiga que se achava de visita e quiz por força leval-a para a Praia Grande, em casa da sua comadre,



Sancho Pança. — O calor é muito; os assumptos, poucos; e a vontade de atalajar... nenhuma! Não sei se me entendem - ou se me explico bem...

que é muito apreciadora de jornaes illustrados. Ficou porem de mandal-o para aqui, amanhã ou depois se não chover.

— E esta? diz a sogra cruzando os braços e fitando ferozmente o Sr. X.

Não estando disposto a aturar a tempestade, este nem acabou o seu beef e, tomando o chapéu, raspou-se, dizendo que tinha rendez-vous para um negocio urgente!

No nosso escriptorio:

— O senhor deseja?...

— Venho buscar o ultimo numero que não me foi entregue.

— E' impossivel. Os nossos entregadores são bons e...

— Garanto aos Srs. que eu ainda não vi o *D. Quivole* e todos por ali já o receberam.

— Emfim vá lá... E entregamos mais um numero.

Esta reclamação que graciosamente attendemos, não será feita pelo proprio Sr. X? Não será esse o tal negocio urgente?

O que se dá aqui na Capital, onde facilmente se pôde ver o jornal gratuitamente nos cafés e restaurantes, nos barbeiros e em todos os lugares onde se acha exposto, dá-se em muito maior escala nas cidades do interior, onde os nossos assignantes são mais victimas ainda da semceremonia dos filantes. Ah! uma folha percorre ruas inteiras e volta para o seu dono toda amarrotada, rota e suja.

Por isso quando abrimos as cartas que o carteiro acaba de entregar, lemos:

*Sr. gerente.*— Esta tem por fim reclamar o ultimo numero da sua apreciada folha illustrada, que até hoje não recebi. Não sei se isto é devido ao correio ou a seus empregados, mas como eu faço collecção, não desejo que me falte folha alguma.

Seu assignante, etc.—*Fulano.*

E nós enviamos, e de graça, o numero pedido, para não desgostar o assignante.

Tudo porem tem um fim e estamos decididos a acabar com esse systema.

De ora em diante, só attenderemos ás reclamações que forem acompanhadas da importancia do numero ou dos numeros reclamados, sendo as ditas cartas devidamente registradas. Cada numero é de custo de mil reis.

Quando os nossos assignantes tiverem de pagar cada exemplar que os filantes estragarem ou perderem, o resultado será dizer a estes: Se querem ler a folha, assignem-a.

E' o que deseja

A ADMINISTRAÇÃO.

## A BRUXA

Se não fosse receio de passarmos por fazer annuncio, diriamos que a *Bruxa*, cujo quinto numero vem de apparecer, promette muitas e grandes cousas, como um supplemento illustrado a tres côres e uma capa feita a capricho por Julião Machado.

Não. Não o faremos nunca, jámais, em tempo algum.

Limitamos-nos apenas a dizer que o Olavo e Julião arranjam verdadeiras bruxarias no numero que temos á vista—e que é o quinto como já dissemos. As pilherias sobre o divorcio, a troça sobre a Ilha das Flores, e a melomania da Central, nas illustrações; a chronica, o carilhão da *Bruxa* e os outros artigos do texto, conseguiram uma cousa estapafurdia e indizível: *embruxaram-nos*.

E enquanto digerem o neologismo... preparem o numero 6. Cá estamos para applaudilo—e com ambas as duas mãos.

## CHORO

Os rapazes aqui da cidade, a *troupe* masculina mundana d'esta capital, denominam aos bailes da serie B (ou *soirées* com torradas) um pequeno choro. E dizem:—« Eu hoje vou ao choro de D. Escolastica... Não foste convidado para o choro do commendador Fortes! ? »

Eu protesto, em nome do meu nobre amigo Dr. Serzedello Corrêa, contra esta má invenção—ou antes contra esta denominação fantastica nephelibata.

Choro não é dansa. Choro não é pilheria. Choro não é batuque. Choro não é marimba que preto toca.

Choro é cousa muito seria, muito superior, muito sagrada, muito politica e muito levada da carépa: é assim como quem diz—uma cousa agri-doce, triste-alegre, auri-verde, verde-gaio, tem-te-não caias, tira-bota, preto-branco, perde-ganha.

E' o caso: o Dr. Serzedello, deputado pela capital federal, e filho da capital do Pará, foi eleito aqui n'esta Guanabara por uns tantos eleitores que estavam anciosos por levar á camara um homem que tivesse embranquecido na correção os seus cabellos, até ao ponto de embranquecer um chapéu de Chile, que deu de presente ao carcereiro, e que tivesse do *Grande Marechal* umas queixas... que não lhes digo nada. Um facto que concorreu para tal eleição, essa victoria estrondosa do eleitorado contra o Triangulo, foi justamente o choro do Sr. Serzedello:—S. Ex. tinha chorado tanto que o seu pranto ja não era pranto, era maré; e uma maré de enchente e que lhe encheu de votos o chapéu baixo de candidato e encheria tambem a cartola de deputado eleito.

Isto foi na Correção, e no Estado de Sítio, um dos muitos estados confederados da União.

Ora succede que esse mesmo Dr. Serzedello, teve a excellente ideia de ir até Belem, sua terra natal (como Christo, elle nasceu em Belem!); e lá chegando tantas cousas lhe disseram, e tal modo o affagaram, tantas manifestações e tantos brindes lhe distribuiram, que elle emittiu alli mais um esplendido choro:—o choro da gratidão—disse-o a *Provincia do Pará*.

Não foi o choro do coronel Faria, nem do encarceramento, nem da Correção nem de nada. Foi um choro *sui generis*; um choro novo, um choro tal que o levou a pular do logar em que estava e collocar-se ao lado de um retrato do Marechal de Ferro e proromper em... um novo choro:

—Eu fui quem errou; foste tu que acertaste!

O auditorio applaudiu—e a grammatica tambem.

Estavam salvas a futura candidatura de S. Ex. e a syntaxe de concordancia.

Assim pois, e á vista dos autos, peço á rapaziada do Rio de Janeiro que não mais denomine *choro* aos bailes de meia tijella a que são convidados e a que comparecem.

*Choro* é propriedade unica e exclusiva do nosso amigo, e correligionario, e deputado federal, e homem dos 23 Instrumentos—o Sr. Dr. Tenente Coronel Serzedello Corrêa.

E' com esse choro que S. Ex. se arranja nos momentos difficeis e trevosos—da Correção; é com esse choro que S. Ex. se livra de entallações inesperadas e encalfiantes—no Pará, cercado por brindes jacobinos e retratos marechalescos... S. Ex. tem no choro a chave das circumstancias, o abre-te Sezamo! o toma que te dou eu!

E é por isso que eu peço aos *maxixeiros* d'esta capital, de que é representante o Sr. Serzedello, que não mais chamem choro aos bailes em que a contradansa se faz com a marca: *balancé de massidras! Ala van las ostras!*

Choro é cousa séria e respeitavel: choro é arma politica e de grande força.

Se o não fizerem... o Sr. Serzedello chorará muito mais—e o que será uma calamidade invencivel, atterrorisadora, abacadabrante, irremediavel e catastrophica!

FELIX.

## AGUA PELA TROMBA

Causou-me inteira e funda magua

A tromba d'agua

Que cahiu sobre a Sapucaia!

Oh! Deus permitta que não caia

Por estes lados

Cousa igual,

Para remir nossos peccados.

Nós temos agua a dar de bomba,

Todas as tardes, por signal.

E a tal respeito eis uma ideia

Ideia-mã, que eu bem affago-a,

E dou-a por pataca e meia:

De cousas taes jámais se zomba...

Temos muita agua pela tromba:

—Não desejamos tromba d'agua!

TIL.

## Cartas de Inglaterra

Que pena que este homem se fizesse politico! Que lastima que não enveredasse pela carreira unica e exclusiva da litteratura!

Não fallamos movidos por nenhum sentimento de sympathia determinado por afinidade de idéas e de opiniões; não somos levados a dizer isto por nenhuma suggestão inherente ao respeito e á admiração que nos impoem o caracter e o temperamento do luctador que desbravou seu caminho a golpes de talento, de illustração e de audacia: mas a verdade é que o Brasil conta poucos, muito poucos espiritos tão preparados como esse de Ruy Barbosa, o illustre auctor das *Cartas de Inglaterra*, que ora apparecem em volume.

São artigos traçados ao correr da penna, quando elle estava no exilio em Londres, exercendo o *struggle for life*, escrevendo para encher tiras e para remettel-as ao *Jornal do Commercio*... Ah! quem dêra a muitos dos nossos litteratos produzir uma obra pensada, como essa feita *à la minute*?!

Estylo terso, vigoroso e viril; a illustração irrompendo apezar das peias do momento e do trabalho limitado a tantas folhas de correspondencia; a citação precisa e a critica sensata, profunda e impiedosa por sã e justa— tudo se evidencia d'esse trabalho que quasi obscurece o grande valor do eminente juriconsulto por todos admirado, do illustre orador por todos applaudido.

Alma candida, character impolluto, organização exquesisita, primeiro cultor do trabalho seja como fôr— Ruy Barbosa affirma dia a dia sua superioridade intellectual na sociedade brasileira, e sua figura se engrandece e se avanta cada vez que surge diante dos coevos: ou esmagando-os ao peso da sua dialectica no senado ou brindando-os com um livro de boa e sadia palavra portugueza como este das *Cartas de Inglaterra*, que lemos com desvanecimento e orgulho.

Ao Mestre uma saudação reverente.

## TROMBA D'AGUA

Sobre essa tromba formidavel  
Que cahiu lá na Sapucaia,  
Vão perguntar ao bom e amavel,  
Actor querido Joaquim Maia,  
Como é que explica o lamentavel  
Caso que outros não mais attraia.

— Não sei, diz elle, e nem terá  
Explicação o caso extranho...  
Se fosse em Belém do Pará  
Justo seria o grande banho !...

— Mas no Pará, porque, amor ?  
— Por um motivo bem singello :  
E' que alli está o chorão-mór  
O Tromba d'Agua Serzedello !

F. MENDES

## SESSÃO SOLEMNE

DE ABERTURA DA SESSÃO ORDINARIA DO  
CONSELHO DE INTENDENCIA MUNICIPAL

A' 1 hora da tarde, do dia 1, estando presentes os quinze intendentes e o batalhão policial, compareceu o Sr. prefeito Furquim Werneck. Trajava casaca preta, bigode de chim e um olhar doce, poeticamente derreado; não trazia espingarda e offerecia á contemplação extatica do exercito de empregados municipaes um abdomen proeminente que estava mesmo a pedir forceps em gritos.

Sobraçando um claque de forma triangular, S. Ex.<sup>a</sup> subiu com a elegancia que a solemnidade requeria as vastas escadarias do palacio da intendencia, acompanhado do hymno nacional e de uma chusma de pretendentes a varios cargos na repartição eleitoral por S. Ex. obstetricamente dirigida.

Entrou S. Ex. no recinto das sessões, tomou logar á direita do presidente e logo entrou a ler uma mensagem... uma mensagem, uma mensagem, uma mensagem, uma mensagem, uma mensagem, irra! uma mensagem que quasi não acaba mais, que encheu de somno o Sr. Gabizo, que fez bocejar o Sr. Gurgel, que amollou o Sr. Heredia, que fez adormecer o auditorio em peso, que inundou todo o districto federal e trianguloso.

Depois do que retirou-se S. Ex. com as mesmas formalidades e o mesmo ventre crecido, com o olhar doce, pensando no Triangulo e dando ao diabo não haver trazido a sua carabina para experimentar um tiro no Sr. Rodrigues Alves; e deixando sobre a mesa da Intendencia aquella cousa monstruosa e extraordinaria, aquella mensagem, aquella mensagem, aquella mensagem, comprida interminavel, irra! uma mensagem que vai d'aqui a Santa Cruz, de Santa Cruz a Paquetá, de Paquetá a Inhaúma, fechando o Rio de Janeiro n'um Triangulo e deixando a gente boquiaberta por ver uma prefeitura tão rica de rhetorica e tão pobre de serviços.

E ao som da philarmonica postada á porta foi S. Ex. fazer tranquillamente um parto difficil, emquanto dezenove continuos carregavam para dentro a tal mensagem, a tal mensagem, a tal mensagem, que diabos acarrequem tambem, desde que com a tal espiga não se tapam os buracos das ruas mal calçadas, não se asseia a cidade, não nos dão uma hygiene de verdade, não conseguem facilitar carne mais barata ao Zé Pagante, não melhoram ascondições miseraveis do municipio, tão sujo quão federal; não fazem nada que préste, que se veja, que os justifique...

Apenas resta, por triste ficha de consolação, essa mensagem, essa mensagem, essa mensagem... que S. Ex. deu á luz sobre as cabeças resignadas dos Srs. intendentes, e sobre a paciencia e a humildade dos municipes acarneirados, absortos e contemplativos ante esse

mundo de papel vasio de valor, pomposamente rotulado de MENSAGEM.

×

E com o que— está aberta a nova pandega municipal, aberta solemnemente pelo ras Werneck.

*O tachygrapho,*  
M. S.

## A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos :

O MUNDO NO FIM DO SEculo, ideal socialista de Claude Sylvane.

Trata-se de uma brochura nephelibata que mal encobre o auctor, sob o seu pseudonymo, assás transparente, e que traz um introito provocador e quasi impertinente :

«Este livro que hoje é entregue á publicidade é ao mesmo tempo entregue á critica, mas á critica responsavel, á critica que sabe o que diz, emfim á critica scientifica. A' outra, essa que costuma andar por ahí assoalhando-se impudentemente, não tem aqui que fazer.»

Em tal caso, ninguem sabe a que ater-se nem a que arvore abrigar-se : se dissermos qualquer cousa de bom— critica scientifica (que horror !); se dissermos mal— critica impudente (que desgraça !). Limitamo-nos pois a agradecer a Claudio.

A NOVA REVISTA, n. 2 do primitivo anno. Traz uma bella poesia de B. Lopes, intitulada *Angelus*; um bello artigo litterario de Gonzága Duque Estrada— *Gozo Secreto*; a defeza do *Bom Crioulo*, de Ad. Caminha; um estudo philosophico de Clovis Bevilacqua e mais artigos em prosa e verso, que dão realce e imprimem verdadeiro interesse a este numero.

BOLETIM TELEGRAPHICO da Repartição Geral dos Telegraphos, primeiro numero do 2º anno, excellente publicação que perfeitamente serve os intuitos para que foi creada.

A ESTAÇÃO, jornal de modas e figurinos, interessante como sempre. E' o n. 4, correspondente a 29 do mez proximo findo.

LE PETIT E'CHO DE LA MODE, n. 7 do XVIII anno, igualmente interessante como o precedente, trazendo grande cópia de figurinos, moldes e demais detalhes muito apreciaveis ao grupo a que se destina: ás senhoras do bom tom.

CEARENSE, polka por M. Lima, offerecida ao Sr. senador João Cordeiro, e impressa na casa Vieira Machado & C.

MEU COMPADRE E' PICHOTE, polka de Armando Milano, editada pela casa Buschmann & Guimarães.

Uma grande porção de pacotinhos de fumo, marca Veado, da grande companhia Manufactora de Fumos, e flauqueados de um numero igual de livrinhos de papel marcas *Laurita* e *Condor*... cousa papafina.

Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL

Minotauro amarelo



Diariamente a Capital fornece a esse monstro, com acquiescencia da Assistencia Publica um sem numero de victimas para devorar!